

Título: Memórias sonoras de Jequitinhonha: a experiência do núcleo de áudio com jovens do Vale

Eixo: Ciência, Tecnologia e Sociedade

Autores: Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna¹; Bruna Raphaella Rodrigues da Silva Acácio²; Phellipy Pereira Jácome³; Widller Raphael Ferreira Maciel⁴

Referência institucional: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

Resumo

O trabalho busca desenvolver uma reflexão sobre as atividades extensionistas desenvolvidas no *Núcleo de Áudio* da Assessoria de Comunicação Colaborativa dos 200 anos da cidade de Jequitinhonha, iniciativa do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha. Esse projeto busca promover o protagonismo juvenil e uma maior democratização do acesso aos meios de comunicação, construindo canais de visibilidade para que os jovens possam exercer os seus direitos à expressão. Para isso, alunos do curso de Comunicação Social, sob a orientação de professores da área, desenvolvem um trabalho junto a jovens da cidade de Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais. São ofertadas oficinas que permitem aos jovens uma participação efetiva na cobertura dos eventos que celebram o aniversário da cidade.

Acreditamos que as atividades e os produtos midiáticos desenvolvidos no núcleo de áudio da Assessoria de Comunicação – que envolve outros três: *web*, impresso e audiovisual - merecem especial atenção, uma vez que, para além de da cobertura midiática radiofônica, os jovens planejaram e desenvolveram produtos sonoros que tiveram como objetivo construir uma "memória sonora" da cidade. Dessa forma, se apropriam das técnicas de gravação e edição do som para, além de produzir programas radiofônicos, registrar depoimentos de públicos considerados por eles como isolados (idosos, artesãos, moradores de distritos distantes); sons característicos da cidade e dos distritos (pássaros, sons da feira semanal, sino da igreja, o rio e as canoas, o tear das tecelãs, etc), alguns deles em vias de

¹ Professora doutora do Curso de Comunicação Social da FAFICH/UFMG. e-mail: grazielamv@fafich.ufmg.br

² Estudante do 6º Semestre do Curso de Comunicação Social da FAFICH/UFMG, e-mail: brunacacio@gmail.com

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea da FAFICH/UFMG, e-mail: phellipy2002@gmail.com

⁴ Estudante do 6º Semestre do Curso de Comunicação Social da FAFICH/UFMG, e-mail: widllerrfm@gmail.com

desaparecer. Tais produtos sonoros - depoimentos, paisagens sonoras e percursos sonoros - foram disponibilizados aos moradores e visitantes da cidade em *MP3 players* na Casa de Cultura da cidade e também no site desenvolvido pela Assessoria de Comunicação. Os programas radiofônicos também foram veiculados na emissora local.

O artigo, portanto, pretende estabelecer uma reflexão teórica que permita compreender como a apropriação desses dispositivos midiáticos pelos jovens participantes do núcleo de áudio pode, por um lado, assegurar ao jovem do Vale do Jequitinhonha novos espaços de visibilidade e, por outro, permitir o registro de fugidias paisagens sonoras da cidade em transformação, indicadoras privilegiadas de vivências cotidianas de uma comunidade.

1. Introdução

O Núcleo de Áudio constitui um dos eixos do projeto de extensão Assessoria de Comunicação Colaborativa do Bicentenário de Jequitinhonha, desenvolvido pelo Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha⁵. Em parceria com órgãos públicos da cidade, o projeto propôs a criação de um suporte comunicacional para a comemoração dos 200 anos da cidade de Jequitinhonha, designado para dar cobertura aos eventos e mobilizar a população local, estimulando-os conhecer a história do município e a discutir temáticas relevantes para a comunidade.

Durante um ano de atividades – entre setembro de 2010 e setembro de 2011 –, integraram a Assessoria jovens de 13 a 17 anos, residentes em Jequitinhonha, sob a orientação de docentes e discentes da Universidade Federal de Minas Gerais. A participação de jovens é um dos eixos do projeto, que pretende dessa forma, incentivar o protagonismo juvenil, a comunicação como instrumento de mobilização social e a democratização do acesso público às mídias. Para organizar os trabalhos, a Assessoria foi dividida em quatro Núcleos: *Web*, Audiovisual, Impresso e Áudio.⁶ Compuseram a equipe do Núcleo de Áudio, ao total, nove jovens e cinco educadores (um professor e quatro alunos do Departamento de Comunicação Social).

Em um ano de atividades, o Núcleo de Áudio foi responsável não só pela cobertura dos eventos (seminários, festas, encontros comunitários, festivais culturais, etc.), mas também buscou construir uma memória sonora da cidade e estimular a comunidade a (re)descobrir as sonoridades de Jequitinhonha.

O intento deste artigo é compartilhar essa experiência que tivemos no Núcleo de Áudio. Estruturalmente, o artigo tem a seguinte composição: em um primeiro momento, apresentamos os conceitos e proposições teóricas sobre o som, que nortearam e inspiraram o trabalho do Núcleo. Em uma segunda parte, relatamos a experiência com do Núcleo, explicitando a metodologia aplicada, as etapas do processo formativo e o desenvolvimento das atividades e dos produtos gerados. Apresentamos, ainda, as dificuldades que se apresentaram e refletimos acerca da experiência vivenciada.

⁵ O Polo Jequitinhonha articula, há 14 anos, as ações de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais no Vale do Jequitinhonha, região estigmatizada pela pobreza, localizada no nordeste do estado de Minas Gerais.

⁶ Essa divisão, no entanto, não significa uma cisão que comprometa a unidade da Assessoria. Além disso, os jovens atuavam juntos durante a cobertura dos eventos e realizavam atividades comuns a todos os núcleos.

2. Registros sonoros e memória

"(Soropita) também poderia vender-se e, à cega, acertar de dizer em que lugar se achava, pelo rumor de pisadas do cavalo, pelo tinir, em que pedras, dos rompões das ferraduras"

Dão-Lalalão (Corpo de Baile) Guimarães Rosa

Assim como a personagem Soropita de Guimarães Rosa, capaz de reconhecer os sons do caminho de volta para casa, aprendemos desde a infância a reconhecer os sons dos objetos que nos cercam, a sonoridade dos espaços sonoros que habitamos. Aprendemos desde cedo a associar a forma sonora à sua fonte sonora.

Toda criança, enquanto cresce, descobre que os sons provêm de lugares e coisas que também pode ver, tocar, cheirar e saborear, e dá início a um processo de associação e objetos concretos que ficará guardado para sempre em sua memória. É uma associação que mais tarde se dará em tipos de sons e tipos de objetos. Enquanto nosso sistema perceptivo agrupa automaticamente algumas formas sonoras e separa outras, vai associando-as a determinados objetos físicos ou a fenômenos e situações concretas (RODRIGUEZ, 2006, p.255)

Aprendemos a reconhecer pessoas pela voz, a entender o trovão como o anúncio de uma tempestade, a pressentir o estado emocional do outro que nos fala. Rodriguez entende essa associação de sons cotidianos a suas fontes sonoras, como o primeiro dos três níveis do processo de atribuição de sentido às formas sonoras. Nível esse denominado pelo autor como "memória auditiva do contexto imediato" (RODRIGUEZ, 2006).

Os dispositivos técnicos de registro e circulação do som separam a forma sonora da sua fonte e ampliam as reverberações de tais formas sonoras. Como constata Murray Schaffer (2001, p. 136),

o rádio amplia o excesso de som para produzir perfis grandemente expandidos, os quais foram notados porque formavam espaços acústicos interrompidos. Nunca, antes, o som tinha desaparecido do espaço para aparecer novamente, a distância. A comunidade que antes havia sido definida pelos sinos e gongos do templo é, agora pelo seu transmissor local.

Pierre Schaeffer (1966) denomina esse tipo de experiência, na qual o ouvinte está distante do produtor da mensagem, como "acusmática" com base em experimentações

realizadas por Pitágoras, cujos discípulos, durante cinco anos assistiram aos cursos dele escondidos atrás de uma cortina, sem ver o seu mestre. Para Schaeffer (1966, p. 91), "hoje, o rádio e sua rede de transmissão por meio das transformações eletroacústicas nos posicionam, nós-ouvintes modernos de uma voz invisível, nas condições de uma experiência semelhante" (àquela realizada por Pitágoras).

Barthes (1990), seguindo uma linha de pensamento semelhante, em uma análise da música a partir do advento dos meios de comunicação de massa, observa a transformação do que ele denomina "música prática", ou seja, a música ligada à classe aristocrática, quando, então, a execução da obra para um público restrito é o único meio de construção de sentido, em "música sonora", ou seja, quando surgem outros meios de audição da obra (como discos e o rádio) em que a execução "desaparece". Assim, se na "música prática" era estabelecida uma relação de co-presença com o público restrito, na era da reprodutibilidade técnica, de acordo com o conceito de Benjamin (1994), a obra passa a ser intermediada pela técnica para alcançar um público com o qual esse realizador não tem contato direto. O momento e o lugar da produção da obra musical são distanciados do momento da sua escuta, fenômeno esse denominado por Schafer (2001, p. 134) de "esquizofonia", ou seja, a separação da fonte sonora de sua reprodução.

Apesar da esquizofonia criada pelo meio técnico, o som reproduzido pode evocar a multisensorialidade da fonte sonora. Dessa forma, o som pode nos evocar a "memória auditiva do contexto imediato" sugerindo frio ou calor, sabores, cheiros, imagens, nos remetendo a pessoas reais ou personagens inventados que fazem parte do nosso repertório. Um bom exemplo da utilização do som na sugestão de imagens multisensoriais são as obras dos artistas canadenses contemporâneos Janet Cardiff e George Bures Miller⁷ que utilizam o som como elemento central no processo de sugestão de sentido. Como resume Christov-Bakargiev

Desde os anos 90, a arte experimental de Cardiff and Bures Miller's tem sido uma fascinante exploração de como o som afeta e molda nossa experiência. A obra de tais artista muda a nossa percepção de arte segundo a qual arte seria uma experiência visual primária e uma experiência situada aqui e agora (arte como um objeto específico) para o entendimento de arte

⁷ Um exemplo dessas obras é *The murder of crows*, inspirada em uma obra de Goya e que faz parte do Museu de Arte Contemporânea Inhotim, na cidade de Brumadinho, onde o visitante da obra é levado a experimentar sensações de frio, terror, sonolência por meio unicamente da narrativa sonora. Na definição da curadoria do museu: "num amplo espaço, os artistas instalaram um ambiente sonoro inspirado na gravura *O sono da razão produz monstros* (1799), de Goya, composto de gravações de marchas, canções de ninar, texto falado e composições musicais, assim como de uma trilha de efeitos incidentais. Soando de 98 altofalante montados em cadeiras, em pedestais e nas paredes e evocando uma revoada de aves, a obra conduz o espectador através de uma narrativa de sonho que revela as qualidades físicas e escultóricas do som". Disponível em < <http://www.inhotim.org.br> > Acesso em 20 ago.2011.

como uma experiência multi-sensorial onde o som esculpe espaços e a memória e o sonhar tem um importante papel: nós somos paradoxalmente transportados para longe do aqui e agora com o objetivo de ativar uma elevada preocupação com o nosso corpo e existência no aqui e agora. Eles criam narrativas poéticas, ambíguas e fraturadas que investigam desejo, amor, perda e memória, fazendo referência em seus trabalhos ao mundo do filme, do teatro e do espetáculo, assim como os caminhos pelos quais a tecnologia afeta a nossa consciência. (CHRISTOV-BAKARGIEV, 2008, p.97-98) ⁸

O som reproduzido, seja na instalação sonora artística ou nos meios de comunicação pode nos conduzir para um lugar ou tempo diverso daquele do momento da escuta. Schaffer (2001, p. 134) observa a relação do surgimento da reprodução e estocagem do som com transformações na produção e no consumo de mensagens sonoras que se relacionam com os elementos da cultura:

Desde a invenção do equipamento eletroacústico para a transmissão e estocagem do som, qualquer um deles, por minúsculo que seja, pode ser movimentado e transportado pelo mundo ou estocado em fita ou disco para gerações futuras. Separamos o som do produtor do som. Os sons saíram de suas fontes naturais e ganharam existência amplificada e independente. O som vocal, por exemplo, já não está ligado a um buraco na cabeça, mas está livre para sair de qualquer lugar na paisagem. No mesmo instante, ele pode sair de milhões de buracos em milhões de lugares públicos e privados, em todo o mundo, ou pode ser estocado para ser reproduzido em data posterior, talvez centenas de anos depois de ter sido originalmente produzido. Uma coleção de discos e fitas pode conter informações de culturas e períodos históricos completamente diversos, que pareceriam, a qualquer pessoa de outro século que não o nosso, uma justaposição surrealista e sem sentido.

A estocagem do som permite assim uma extensão espaço-temporal da memória auditiva do contexto imediato, conceituada por Rodriguez (2006). Dessa forma, sons que fazem parte da vivência cotidiana de uma determinada comunidade podem se perpetuar no meio técnico e se tornarem acessíveis a gerações futuras. Esses sons podem assim se tornarem indicadores privilegiados de tais vivências e de "paisagens sonoras".

Portanto, no trabalho realizado pelo núcleo de áudio da Assessoria de Comunicação Colaborativa em Jequitinhonha partimos do entendimento de que o som posto em circulação

⁸ Original em inglês. Tradução livre nossa.

em dispositivos midiáticos pode funcionar como uma extensão da memória coletiva ou individual, atuando como uma "cápsula de memória" (VALENTE, 2003). Sendo assim, os jovens de Jequitinhonha, além de registrarem e difundirem os eventos relacionados aos 200 anos da cidade, passaram a refletir sobre o som como um dispositivo para ampliar e registrar a memória das vivências cotidianas da cidade e dos seus distritos. Regina Porto (1997, p. 19) faz uma comparação entre a paisagem sonora e o registro fotográfico, de acordo com a qual "em lugar do olho, o ouvido: a 'paisagem sonora' é fundamentalmente, a arte da captação "fotográfica" do som. O microfone é o instrumento que permite o instantâneo e o close; a caixa acústica, sua ampliação". Os processos de escolha e registro de tais paisagens sonoras de Jequitinhonha serão descritos adiante.

Por ora, buscaremos definir a seguir o conceito de paisagem sonora proposto por Murray Schaffer, um dos conceitos norteadores das reflexões acerca das produções desenvolvidas pelos jovens da cidade de Jequitinhonha nas atividades extensionistas do núcleo de áudio.

3. Paisagens sonoras

O pesquisador canadense Murray Schafer nos propõe um estudo da paisagem sonora⁹ mundial, que é definida por Schafer como "qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode referir-se a ambientes reais ou a construções abstratas como a composição musical" (SCHAFER, 2001, p.366). Para tanto, o pesquisador se dedica não apenas a uma pesquisa de sons que compõem as paisagens sonoras contemporâneas, mas também desenvolve uma ampla investigação em obras literárias - investigação essa que remonta aos mitos gregos - das referências aos sons presentes em tais obras.

Ao longo do trabalho de Schafer podemos perceber que o pesquisador considera como elementos constituintes de uma paisagem situada no tempo e espaço, todos os elementos sonoros que a caracterizam. Para tanto, Schafer classifica esses elementos como sons fundamentais, sinais e marca sonora.

Os sons fundamentais são aqueles que, de tão integrados ao nosso cotidiano, não prestamos muita atenção neles, ou melhor, seriam os sons que não precisam ser ouvidos conscientemente, tais como o mar, os insetos, etc. Os sinais sonoros são os sons que, apesar de cotidianos, são destacados dentre os sons fundamentais e precisam ser ouvidos conscientemente, pois funcionam como um aviso acústico como, por exemplo, o apito do guarda de trânsito ou a sirene de uma ambulância. (Schafer, 2001). Já a marca sonora,

⁹ Tradução para o português do termo original em inglês - *soundscape*, derivado de *landscape* - cunhado pelo pesquisador.

Schafer define como um "som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar".

Entendemos que tais definições são tentativas de sistematizar os elementos da paisagem sonora. No entanto, os limites dessa classificação devem ser fluidos, no sentido de que um som pode ser classificado em mais de uma dessas três categorias. Podemos citar como exemplo, o som do sino da igreja da matriz de Jequitinhonha registrado pelo núcleo de áudio. Se considerarmos que ele serve para anunciar eventos como a missa da igreja ele, portanto, seria classificado como um "sinal". No entanto, podemos considerá-lo também uma marca sonora da cidade de Jequitinhonha, já que é um som característico daquela igreja e significativo para as pessoas daquela comunidade.

Portanto, ao fazer os registros sonoros, o núcleo de áudio da Assessoria de Comunicação Colaborativa, registrou sons diversos que compõem a paisagem sonora da cidade de Jequitinhonha e seus distritos, sem, no entanto, fazer um esforço de classificação desses sons, pois entendemos que tal análise foge dos objetivos propostos.

No entanto, apesar de abandonarmos esse exercício taxionômico de Schafer no sentido de uma gramática das paisagens sonoras, concordamos com o autor quando ele afirma que "o ambiente acústico geral de uma sociedade pode ser lido como um indicador das condições sociais que o produzem e nos contar muita coisa a respeito das tendências e da evolução dessa sociedade" (idem, p.23).

Dessa forma, entendemos que os sons registrados pelos jovens do núcleo de áudio nos desvelam as práticas cotidianas contemporâneas das pessoas que vivem na cidade de Jequitinhonha e em seus distritos. O registro de tais sons cumpre objetivos semelhantes aos objetivos dos estudos de Schafer (2001, p.19), dentre eles "documentar aspectos importantes dos sons, observar suas diferenças, semelhanças e tendências, colecionar sons ameaçados de extinção (...)"

Tentamos fazer uso dos meios técnicos para construir um arquivo virtual com a paisagem sonora da cidade, perenizando, dessa forma, indicadores privilegiados da vida contemporânea e, conseqüentemente, amplificando a memória coletiva.

Os teares do distrito de Guaranilândia, as canoas que ainda atravessam o rio Jequitinhonha e as balsas que passaram a substituí-las, os cavalos do distrito de São Pedro, os pássaros nas mangueiras da cidade na época dos frutos, a musicalidade e o sotaque da fala (por vezes, ininteligível) dos idosos. Estes, dentre outros sons, compõem a paisagem sonora de Jequitinhonha. Paisagem esta em constante transformação, que tentamos "capturar" no desenvolvimento das atividades do núcleo de áudio.

Planejamos inicialmente, em conjunto aos jovens e o apoio de instituições locais, a viabilização do arquivo virtual sonoro com imagens sonoras que fazem parte da paisagem da cidade. Além disso, a difusão de alguns desses registros nos programas radiofônicos e

podcasts produzidos pelos jovens do núcleo e inseridos no *website* criado pelo núcleo de *web* da assessoria. Tais planos sofreram algumas alterações durante o processo de desenvolvimento do projeto, cujo relato apresentamos a seguir.

4. Desenvolvimento das atividades - processos e metodologia de trabalho

Os eventos em comemoração aos 200 anos de Jequitinhonha estenderam-se por um ano, no período compreendido entre setembro de 2010 e setembro de 2011. A Assessoria de Comunicação, incluindo o Núcleo de Áudio, foi responsável não só pela cobertura dos eventos, mas também por mobilizar a população, dar visibilidade à cultura local e registrar a memória histórica da cidade. Para fundamentar esse trabalho, os jovens envolvidos participaram de um processo formativo, no período de outubro de 2010 a janeiro de 2011, com três módulos de encontros presenciais. Ocorriam encontros dos educadores (professores e alunos do Departamento de Comunicação Social) com todos os jovens da assessoria e também em cada Núcleo, para o trabalho de temas específicos.

O propósito dessa etapa do projeto consistia em fomentar o encontro dos jovens com práticas e ferramentas comunicacionais, discutindo seus usos e apropriações. No Núcleo de Áudio, os objetivos eram: estimular a percepção da multisensorialidade dos sons e das possibilidades do registro sonoro como uma extensão da memória coletiva, explorar a produção em áudio, percebendo as especificidades do formato radiofônico e do *podcast*; estimular a criatividade e liberdade de expressão dos jovens; desenvolver conjuntamente técnicas e dinâmicas de produção em áudio, levando-se em conta as necessidades do projeto, o conhecimento dos jovens e as capacidades materiais/técnicas. Além disso, durante o processo formativo foram gerados os primeiros produtos do Núcleo, que incluem: *spots* de divulgação de eventos; registros históricos de personagens e paisagens sonoras da cidade; programas radiofônicos temáticos.

O primeiro encontro presencial contou com a participação de dois educadores e oito jovens, que se candidataram a compor o Núcleo de Áudio, e realizou-se em três dias. Foram desenvolvidas atividades de sensibilização às distintas sonoridades (sons fundamentais, sinais sonoros e marcas sonoras), discutiram-se as especificidades e potencialidades do áudio para a linguagem, comunicação e construção de uma memória coletiva – através do registro dos sons de Jequitinhonha e de depoimentos de moradores locais. Refletiu-se sobre o dispositivo rádio (que amplifica e torna independente o som) e sobre distintos gêneros radiofônicos, a partir da apresentação de exemplos levados pelos educadores e de experiências prévias dos jovens. Discutiram-se as expectativas do núcleo com relação ao trabalho na Assessoria (o que seria feito, o compromisso e dedicação necessários, quais formatos sonoros poderiam ser explorados, etc.).

No segundo e terceiro dias ocorreram visitas a Rádio Santa Cruz¹⁰. A emissora de transmissão AM – única com autorização oficial de funcionamento no município – estabeleceu parceria com o projeto Jequi 200 anos, divulgando os eventos e transmitindo o programa produzido pelos jovens. Na Rádio, os jovens conheceram os estúdios de gravação e equipamentos. Também foram produzidos roteiros e gravados spots publicitários sobre os 200 anos e uma versão piloto de um programa radiofônico¹¹, com a entrevista de um personagem de Jequitinhonha. Desde os primeiros produtos preocupou-se em não reproduzir modelos prontos, estimulando os jovens a conhecer e se apropriar das ferramentas de comunicação de forma criativa (não pré-formatada segundo os padrões do jornalismo/radialismo). Por exemplo, no *spot* publicitário, os eventos foram divulgados através de uma narrativa ficcional (conversa entre moradores da cidade) e incluía efeitos produzidos pela equipe (imagens sonoras do Rio Jequitinhonha).

No segundo módulo houve uma retomada dos conteúdos abordados no primeiro encontro, bem como a apresentação de novos formatos de produção em áudio (*podcast*) e técnicas de edição e postagem em ambiente *web*. No entanto, o foco desse módulo foi trabalhar a cobertura de eventos, pois os jovens seriam responsáveis por divulgar e cobrir uma feira de ciências em escola do município. Com base nesse evento, foram trabalhados temas como a manipulação de gravador digital em ambientes com muito ruído, além de técnicas de entrevista. No evento, a ideia é que os jovens pudessem trabalhar mais livremente, sem a orientação constante dos educadores.

O terceiro módulo encerrou a etapa do processo formativo e nele discutiram-se quais seriam os produtos do Núcleo de Áudio e principalmente o formato e público de cada um deles. Nos quatro dias de atividades as equipes visitaram distritos da cidade para produzir paisagens sonoras e entrevistar personagens locais – material que comporá o arquivo histórico para centro cultural da cidade. Além disso, estruturou-se o programa radiofônico *Momento Jequi*.

Em todos os módulos buscou-se adotar um método dialógico, de construção conjunta do conhecimento. Durante a abordagem dos conteúdos, os membros do Polo Jequitinhonha incentivavam a busca por referentes cotidianos dos jovens – como paisagens sonoras da cidade e programas de rádios locais. Essas aproximações, e a troca de experiências e impressões maximizaram a percepção das potencialidades do áudio como ferramenta comunicativa e para o registro da memória.

¹⁰ O Núcleo de Áudio contou com a parceria da Rádio Santa Cruz e do Centro Cultural Dona Mercedes (Casa de Cultura). As duas instituições forneceram espaço para a gravação, edição e divulgação dos produtos do Núcleo.

¹¹ Trata-se do *Momento Jequi*, que explicaremos em seguida.

No planejamento e execução das atividades, buscou-se trabalhar os conteúdos teóricos e técnicos de forma aliada à prática, objetivando um aprendizado mais fluido e dinâmico. Dessa forma, em todas as etapas do processo formativo os jovens tiveram contato com as ferramentas de produção – desenvolvendo roteiros, manuseando gravadores, fazendo entrevistas e colhendo material sonoro, locutando na rádio, editando, etc.

Além disso, buscou-se sempre estimular um espaço de reflexão acerca do trabalho desenvolvido. No entanto, os educadores sentiram que o tempo de trabalho presencial era muito restrito para que a adequada reflexão fosse realizada. Muitas vezes o produto comunicacional era concluído, mas os jovens já estavam esgotados para discutir sobre os procedimentos e os resultados dos trabalhos (etapa que fundamental em um processo formativo). Outro percalço enfrentado pelo Núcleo foi a distância entre os encontros presenciais, que dificultava a fixação de alguns conteúdos (como as técnicas de gravação e edição de áudio) e a continuidade das atividades (uma vez que os jovens sentiam-se inseguros para realizar algumas atividades sem o acompanhamento da equipe Polo). Não obstante, acreditamos que com o passar do tempo e com a consolidação da Assessoria os jovens já se sentiam mais aptos a desenvolver as atividades sem a presença dos educadores (solicitando apenas uma orientação geral).

Um aspecto dificultoso era exatamente a nossa comunicação à distância, que é muito dependente da internet (os jovens têm acesso, mas não possuem o hábito de e-mails e a comunicação via MSN era rara e pouco fluida). Aliado a isso, quando os componentes do Programa Polo Jequitinhonha tentavam estabelecer um contato com os jovens do Núcleo de Áudio a partir de Belo Horizonte, houve dificuldades, uma vez que grande parte desses jovens ficava com o telefone celular desligado ou fora da área de cobertura. Durante o período de entremeio de módulos a comunicação se restringia a dados concretos (informes de hora de reunião, se fizeram ou não as atividades, etc). Dessa forma, o compartilhamento de experiências, dificuldades e êxitos se dava majoritariamente nos encontros presenciais.

Um ponto positivo foi o número reduzido de jovens, que permitiu a participação ativa de todos os membros e um acompanhamento mais cuidadoso das atividades (ouvir a opinião e debater as formas de trabalho com cada um, esclarecer dúvidas, etc.). Além disso, destaca-se também o cumprimento do plano de atividades do processo formativo e da concretização da maioria dos produtos propostos para essa primeira etapa (spots, programa, imagens sonoras que integram a paisagem sonora local).

A escolha dessa metodologia pedagógica, que evitava a verticalidade nas relações entre orientadores e jovens, reflete o caráter colaborativo do projeto. Corrobora, também, um dos marcos do Programa Polo: o estímulo ao protagonismo juvenil – reconhecendo a

capacidade da juventude de se expressar e participar ativamente na esfera pública (RABELLO, 2002).

Após os três módulos, a equipe estabeleceu, então, um planejamento referente às atividades do núcleo de áudio para a cobertura das festividades referentes aos 200 anos de Jequi. O plano de trabalho foi feito à partir do calendário temático desenvolvido pela comissão organizadora do evento, que previa atividades mensais na cidade, como a realização de seminários (como o Fórum da Mulher, o Seminário LGBT, Festival de Quadrilhas, entre outros) e dois grandes acontecimentos: o Festivale, que seria realizado em julho e o aniversário de Jequitinhonha, em setembro.

Em reuniões realizadas entre a equipe da UFMG e os jovens do núcleo de áudio, chegou-se a conclusão de que a cobertura dos 200 anos da cidade deveria ser realizada tendo em vista, pelos menos, três grandes eixos complementares: a divulgação dos eventos (com a criação de spots, por exemplo), o registro mnemônico sonoro da cidade (através do registro de sons que caracterizam a paisagem sonora de Jequitinhonha: o rio, o sino, o tear, etc), bem como o resgate de histórias através de personagens (tanto através de pessoas que já possuem visibilidade, como agentes culturais, e também aquelas que estão "esquecidas", como canoieiros, moradores dos distritos de Jequitinhonha, idosos, etc).

Visto isso, a equipe considerou que seria importante a execução de, pelo menos, dois programas radiofônicos mensais, que seriam transmitidos pela emissora Santa Cruz e disponibilizados também no site oficial do bicentenário. Além disso, ficou definido um calendário de entrevistas com pessoas apontadas pelos próprios jovens, curiosos em conhecer aspectos da história viva da cidade e que pouca gente tinha acesso. Como último ponto, os membros do Núcleo de Áudio foram convidados a refletir sobre possíveis percursos sonoros a serem disponibilizados na Casa de Cultura.

Definidos os principais produtos a serem construídos pela equipe de áudio era chegada a hora de conversar sobre os aspectos específicos de cada uma dessas peças sonoras. Em virtude da presença dos membros da UFMG, decidimos que faríamos um programa piloto para levarmos à direção da rádio Santa Cruz, juntamente com a proposta de transmissão quinzenal desse produto. Desse modo, em conversas entre toda a equipe de áudio, decidiu-se que para cada evento previsto no calendário da cidade, seriam produzidos dois programas com duração de cerca de cinco minutos. O tamanho do programa parecia condizente com a proposta do núcleo, tendo em vista que seria suficiente para a produção de entrevistas, trilhas sonoras, etc.; e também não ocuparia uma faixa muito extensa da programação da Rádio Santa Cruz, o que facilitaria a futura negociação sobre o espaço cedido pela emissora.

O primeiro evento previsto no calendário temático dos 200 anos era o Carnaval e ocorreria cerca de um mês após o último encontro do processo formativo. Por isso, a equipe

da UFMG, propôs aos jovens que os dois primeiros programas deveriam abordar a festividade. A partir daí, conversamos bastante sobre o formato desses primeiros programas e se decidiu contemplar a memória do carnaval na cidade e a divulgação do evento de 2011. Por isso, os jovens propuseram dois tipos de programas: um primeiro seria sobre a história do carnaval da cidade, que antigamente era marcado pela existência de escolas de samba, cujos desfiles super produzidos não existem mais, e outro programa que fosse uma espécie de debate entre os jovens sobre a atual situação do carnaval em Jequitinhonha, problematizando a falta de opções e valorizando os aspectos positivos.

Tendo em vista o pouco tempo que tínhamos para conceber, planejar e produzir os programas, consideramos mais prudente dividir os jovens em duas equipes para dar dinamicidade ao processo. Desse modo, parte da equipe ficou responsável pelo Momento Jequi que trataria da história das escolas de samba, e a outra pelo programa-debate. A equipe da UFMG também se dividiu para orientar de forma mais específica e presente cada um dos dois grupos.

O primeiro programa foi produzido pelos jovens a partir de entrevistas com moradores que tinham uma atuação direta na realização do Carnaval com escolas de samba. Descobriu-se, por exemplo, que a cidade, no auge desse tipo de festividade, contava com três escolas de samba, que rivalizavam pela conquista de melhor desfile. Um dos momentos mais importantes para a formação dos jovens foi a preparação para a entrevista em estúdio. Agora, menos do que ensaios, era chegada a hora de por em prática boa parte dos conhecimentos adquiridos durante todo o processo formativo, como a produção e a execução da entrevista. Ao princípio da conversa com os entrevistados, o clima de tensão entre os jovens era visível. Estavam muito apegados ao roteiro da entrevista, o que contribuía para pouca fluidez e naturalidade da entrevista. Entretanto, com o desenrolar da conversa, os jovens foram adquirindo confiança e a entrevista ocorreu de uma forma muito positiva.

Enquanto isso, a outra equipe concebia e produzia o Momento Jequi destinado a ser um debate juvenil sobre a atual cena do carnaval de Jequitinhonha. Para isso, um dos jovens assumiu o papel de mediador do debate, introduzindo os temas e as perguntas. Como a equipe estava reduzida devido à divisão e como esse era um tema que despertava o interesse dos demais jovens da cidade, os alunos tiveram a ideia de convidar pessoas dos outros núcleos da Assessoria. Assim o debate ganhou em qualidade e polifonia, tendo em vista a diversidade dos pontos de vista. Depois, os dois "sub-núcleos" fizeram toda a edição dos programas na Casa de Cultura e, em conjunto, gravaram a abertura e finalização dos mesmos, criando a identidade sonora do Momento Jequi.

O processo formativo também foi de extrema importância para a equipe da UFMG. Através dele, pudemos conhecer melhor a realidade desses jovens e as dificuldades

concernentes à realização do trabalho, como os problemas de um acompanhamento à distância. Em algumas oportunidades durante o processo, percebeu-se o quão difícil era a organização dos jovens para a discussão e execução do planejamento quando não tínhamos a presença de algum membro da UFMG. Um exemplo disso pode ser visto no caso do *spot* educativo a respeito do carnaval, do qual o roteiro foi elaborado na reunião entre os jovens jequitinhonhenses e a equipe da UFMG. A gravação ficou por conta dos participantes da cidade, que utilizariam os estúdios da Rádio Santa Cruz para tal atividade, enquanto que a edição também seria feita por eles, nos computadores da Casa de Cultura de Jequitinhonha. Porém, a ausência de algum integrante do Programa Polo Jequitinhonha no momento da execução desse trabalho fez com que os jovens se dispersassem, e o *spot* sobre o carnaval acabou não sendo gravado e editado.

Para tentar resolver esse problema, traçamos um plano de trabalho que designava funções específicas a cada um dos jovens e que previa datas fixas para as reuniões de planejamento dos "Momentos Jequi". Decidiu-se que, através de um sistema de rodízio, cada jovem estaria focado em alguma parte do processo de produção. Todos deveriam encontrar-se um mês antes da exibição prevista para cada um dos programas para definir conjuntamente o tema e o formato. Depois disso, cada um ficaria responsável por uma atividade: entrevista, edição do programa, apresentação, etc. Para melhorar a comunicação entre a equipe da UFMG e os jovens do núcleo, ficou acertado que um deles seria uma espécie de relações públicas do núcleo, responsável por enviar relatórios periódicos sobre o desenvolvimento das atividades, além de agendar a utilização do espaço cedido pela Rádio Santa Cruz para entrevistas e enviar os programas finalizados para a transmissão na emissora.

Entretanto, no mês de fevereiro, os dois alunos bolsistas responsáveis pelo Núcleo de Áudio da Assessoria foram substituídos por outros dois, sendo que um já esteve no encontro presencial em Jequitinhonha no referido mês, e a outra iniciou suas atividades em março. Somada às demais dificuldades já apontadas, a mudança abrupta, sem uma transição, dos estagiários que acompanhavam os trabalhos sonoros do Núcleo, foi apontada pelos jovens, no processo de avaliação da Assessoria de Comunicação Colaborativa, como mais uma dificuldade para que o planejamento estabelecido fosse cumprido. Somado a isso, a defasagem de alguns dos jovens do projeto – alguns deles foram transferidos para outros núcleos da Assessoria – também pode ser colocada como uma dificuldade no processo de desenvolvimento das atividades, visto que o número de participantes da cidade, que já era reduzido, diminuiu ainda mais.

Na reunião entre os componentes do Programa Polo Jequitinhonha e os jovens de Jequitinhonha, ocorrida em fevereiro, os programas radiofônicos "Momento Jequi" relativos ao carnaval do município foram entregues aos responsáveis da Rádio Santa Cruz, para

posterior transmissão na programação da emissora. Já em março, não houve nenhuma viagem da equipe da UFMG que respondia pelo Núcleo de Áudio para Jequitinhonha, pois as atividades previstas no planejamento eram referentes ao I Fórum da Mulher de Jequitinhonha, que aconteceria em abril, mas que foi adiado para o mês seguinte. Assim, no encontro presencial de abril, houve a roteirização de duas edições do “Momento Jequi”, que tratavam da situação da mulher de Jequitinhonha, além da gravação dos dois programas e da edição de um deles. Em sua primeira edição, o “Momento Jequi” abordou como era a vida das mulheres na cidade no passado, tendo como fonte uma entrevista feita com uma moradora antiga do município. Já no segundo programa sobre o tema, buscou-se mostrar a mudança no modo de ser das mulheres jequitinhonhenses ao longo do tempo, com base em outra entrevista, dessa vez feita com uma habitante de Jequitinhonha que afirma ter vivido a transição entre o “passado de submissão feminina e o presente de novas oportunidades para as mulheres da cidade”.

Em maio, houve mais um encontro presencial entre os bolsistas responsáveis pelo Núcleo de Áudio e os jovens, no qual foi produzido mais um programa “Momento Jequi”, desta vez com a cobertura do I Fórum da Mulher do Jequitinhonha, nos dias 19 e 20 de maio de 2011. Na verdade, essa edição não estava prevista no planejamento das atividades do Núcleo de Áudio, mas os jovens participantes preferiram fazê-la, dada a qualidade do material colhido por eles no referido fórum.

Além disso, foram planejadas as atividades da Assessoria de Comunicação dos 200 anos de Jequitinhonha para o 29º Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, o Festivale. Tal evento acontece anualmente, durante uma semana, em uma cidade da região. Em 2011, Jequitinhonha foi escolhida para sediar o evento. Esse festival é reconhecido como o maior evento de cultura popular do Vale do Jequitinhonha, pois nele são reunidas diversas expressões que compõem a riqueza cultural da região, desde o artesanato e a dança, até a literatura e o teatro, entre outras.

Foram previstos os seguintes produtos a serem desenvolvidos pelo Núcleo de Áudio para o Festivale: um *spot* publicitário, com duração média de trinta segundos, com o objetivo de divulgar o evento; um boletim informativo, com duração média de dez minutos, que seria produzido durante todos os dias do Festivale, e que trouxesse uma repercussão dos acontecimentos concernentes ao evento, além da divulgação da programação do dia seguinte, da participação de convidados do festival e de elementos que compõem a paisagem sonora da cidade; e o *flash*, programa curto, com duração média de dois minutos, que tivesse sete edições, e que abordasse aspectos, lugares e personagens da cidade de Jequitinhonha, com o objetivo de valorizar a cultura jequitinhonhense e registrar a memória sonora da cidade. Todos os produtos seriam transmitidos nas rádios locais, que já possuem parcerias com o Programa Polo Jequitinhonha.

Ainda no mês de maio, aconteceu a seleção de mais três jovens para o Núcleo de Áudio, com o intuito de repor a saída de alguns participantes ao longo do trabalho. Esses novos selecionados estiveram reunidos pela primeira vez com a equipe da UFMG responsável pelo Núcleo de Áudio somente nas reuniões das duas primeiras semanas de julho, que antecediam o festival.

Em junho, decidiu-se, em um consenso entre os componentes do Programa Polo Jequitinhonha e os jovens integrantes do Núcleo de Áudio, que não haveria as atividades previstas no planejamento, que diziam respeito ao 7º Festival de Quadrilhas de Jequitinhonha. Isso se deve às dificuldades anteriormente citadas neste artigo, aliadas ao fato de que o Núcleo de Áudio somaria todos os seus esforços para desenvolver o trabalho referente ao Festival a partir de então, uma vez que este demandaria muito tempo para ser executado.

Os encontros presenciais da equipe para estabelecer o cronograma e o planejamento de atividades durante o Festival se deram nas duas primeiras semanas de julho. Neles, foi possível finalizar a elaboração de mais da metade das edições do *flash*, que recebeu o nome de “Flashvale”, pois se tratavam de pautas “frias”, de registros da memória sonora local, que não necessitavam da factualidade das temáticas selecionadas para serem elaboradas. Para isso, os jovens pesquisaram sobre os assuntos relativos à cidade de Jequitinhonha, escolhidos por eles para serem os temas desse programa, na internet, além de irem a campo para registrar a paisagem sonora local, como o som do sino da Igreja Matriz São Miguel e Almas, do rio e depoimentos de jequitinhonhenses de origens e ocupações diversas, tais como moradores da comunidade quilombola de Mumbuca ou artesãos do distrito de Guaranilândia, dentre outros. Tal trabalho de campo resultou em registros sonoros que desvelam tanto a história da cidade descrita a partir dos relatos, quanto a paisagem sonora local evidenciada a partir das marcas sonoras e dos sons fundamentais registrados que caracterizam a cidade, e de musicalidades diversas da fala cotidiana percebidas nos diferentes sotaques dos entrevistados.

A viagem seguinte da equipe do Programa Polo para Jequitinhonha aconteceu na semana do 29º Festival, entre 24 e 30 de julho de 2011. Nela, estavam presentes os alunos bolsistas e a professora coordenadora do Núcleo de Áudio, além de uma voluntária, estudante de Comunicação Social na UFMG. Durante essa época, foi produzido o restante das edições do “Flashvale”, adiantadas na reunião anterior, além dos boletins radiofônicos do Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, denominados “Esquinas do Vale”. Nestes, além da repercussão das atrações que ocorreram no evento, através, por exemplo, de entrevistas com os artistas e os responsáveis pelas oficinas ministradas durante o festival, e da divulgação da programação do dia posterior, havia também um quadro fixo, intitulado “Sons de Jequi”. A partir deste quadro, foi possível resgatar um pouco da memória

sonora de Jequitinhonha, uma vez que ele trouxe paisagens sonoras, como o som das águas do Rio Jequitinhonha, e depoimentos de personagens significativos da história do município, como Dona Elzi, mestra artesã do distrito de Guaranilândia.

O mês de agosto foi marcado pelo planejamento das atividades finais da Assessoria de Comunicação Colaborativa. Como estava previsto no cronograma de atividades do Núcleo de Áudio, a Casa de Cultura de Jequitinhonha receberá MP3 *players*, que conterão depoimentos de personagens importantes do município e paisagens sonoras características de Jequitinhonha. Esses arquivos também estarão disponíveis na internet. Além disso, estava previsto dois percursos sonoros¹² pela cidade, um que passaria pelo Mercado Municipal, e outro, que teria a Praça da Prefeitura e a Igreja Matriz como pontos principais. No entanto, a ideia dos percursos sonoros deu origem a outra ideia, que envolve os demais núcleos da Assessoria: o "Percurso dos 200 anos". Nele, foram selecionados alguns lugares do município que tenham alguma importância histórica para acontecer intervenções da assessoria, como atividades lúdicas e a exposição de fotos antigas, entre outras, durante as comemorações do aniversário de Jequitinhonha, no final do mês de setembro. Assim, houve uma mudança no planejamento dos percursos sonoros. Continuam sendo dois percursos, mas eles convidarão as pessoas participantes a irem aos locais onde estiverem ocorrendo as intervenções, sem mencionar explicitamente o fato de que uma intervenção esteja acontecendo ali. Para isso, ambos os percursos contarão com uma introdução, que explique do que eles se tratam e de seu funcionamento. Somado a isso, os percursos serão gravados pelos jovens do Núcleo de Áudio, com uma linguagem informal e em primeira pessoa. Em cada lugar em que o percurso conduzir o ouvinte (situando a direção em que ele deve seguir), os áudios em formato de MP3 trarão as particularidades de cada ponto, como os sons característicos, a história e personagens do lugar. Esses personagens são pessoas marcantes dos locais, que poderão aparecer de maneira direta, através da fala, ou indireta, citadas pelo narrador do percurso. Os nomes das ruas que possuem algum significado histórico para o município também receberão a devida menção nos percursos. O propósito é incentivar o ouvinte a (re)descobrir tais lugares e pessoas, conhecendo um pouco mais sobre a história do local e atentando-se a elementos que muitas vezes passam despercebidos, como os sons cotidianos que compõem as paisagens jequitinhonhenses.

Os arquivos referentes aos percursos sonoros serão disponibilizados em reprodutores de MP3, que estarão disponíveis para empréstimo na Casa de Cultura da cidade, em computadores deste local para descarregar esses arquivos em aparelhos pessoais que reproduzam MP3, e na internet.

¹² Partindo do formato inicial de audioguides disponibilizados a visitantes de museus, a proposta aqui é um guia, por meio do som, que conduza o ouvinte pela cidade de uma forma lúdica, não se atendo a contar a história do lugar visitado. Dessa forma, podem ser inseridas narrativas ficcionais que tenham como "cenário" os pontos a serem visitados do município, selecionados pelos jovens.

5. Considerações finais

A partir das reflexões e apontamentos preliminares sobre a constituição do Núcleo de Áudio do projeto de Assessoria de Comunicação do bicentenário da cidade de Jequitinhonha, podemos afirmar que tanto os produtos desenvolvidos até então, quanto o processo são extremamente positivos. Em um trabalho longo como esse, nos parece normal que certas dificuldades tenham ocorrido, como a saída de alguns jovens selecionados, bem como a troca dos bolsistas do projeto. Esses fatores, claro, alteram o projeto inicial sem comprometê-lo, no entanto.

Há de se salientar a polifonia de todas as etapas do processo, no qual buscou-se promover sempre a criação de espaços e canais pelos quais os jovens participantes pudessem opinar livremente a atuarem efetivamente na constituição de cada produto. Além disso, ressaltamos a ocorrência de uma troca de saberes e produção de conhecimentos, objetivos que embasam a extensão universitária. Esse ponto é de extrema importância, tendo em vista que o modelo de Assessoria de Comunicação adotado em Jequitinhonha será utilizado em outras cidades da região. No ano de 2012, por exemplo, Itaobim completará 50 anos de emancipação política e, em parceria com a UFMG, utilizará a mesma metodologia de divulgação de seu aniversário.

Menos que formar locutores ou radialistas, o que o núcleo de áudio da Assessoria de Comunicação busca é incentivar a reflexão sobre as potencialidades do uso do som, suas características multisensoriais, seu poder mnemônico. Além disso, o principal foco do projeto é fazer com que os jovens se percebam como produtores de discurso, incentivando seu protagonismo como agentes de mudança da realidade social. No caso específico de Jequitinhonha, notamos a preocupação dos jovens em dar voz a pessoas e atividades, cujos registros sonoros estão perto de extinguir-se, gerando um poderoso e importante acervo histórico para a cidade.

Visto isso, o projeto constitui-se também como uma experiência muito profícua para os estudantes de Comunicação Social. Para além de agregar conhecimentos específicos na área de áudio e de desenvolver uma reflexão sobre práticas pedagógicas, o projeto permite o contato com as diversas culturas do Vale do Jequitinhonha e uma troca de experiências e conhecimentos com os jovens locais e os professores, o que enriquece a formação humanística do aluno e o faz perceber que as fronteiras da universidade vão muito além que suas grades físicas.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. Vol.1. São Paulo, Brasiliense, 1994.

CHRISTOV-BAKARGIEV, Carolyn. The Murder of Crows, 2008. in: Eva Ebersberger and Daniela Zyman (eds.). *Thyssen-Bornemisza Art Contemporary: The Collection Book*. Cologne: Walther König, 2009, pp. 97-102.

GUIMARÃES ROSA, João. *Corpo de baile*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
INHOTIM. *Obras*. Disponível em < <http://www.inhotim.org.br>> Acesso em 20 ago.2011 .

PORTO, Regina. A poética do som: utopia e constelações. In: ZAREMBA, Lílian; BENTES, Ivana (Org.). *Radio Nova: constelações da radiofonia contemporânea 2*. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, p. 15-26. 1997. █

RABELLO, M.E.D.L. O que é protagonismo juvenil? 2002. Disponível em: < http://www.sav.org.br/modules/drive/files/76/protagonismo_juvenil_eleonora_rabello.pdf>. Acesso em: 19 de agosto de 2011

RODRIGUEZ, Angel. *A Dimensão Sonora da Linguagem Visual*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SCHAEFFER, Pierre. *Traité des objets musicaux*. Paris: Seuil, 1966.

VALENTE, Heloísa da Araújo Duarte. *As vozes da canção na mídia*. São Paulo: Via Lettera/ FAPESP, 2003.